



Sustentabilidade no Cotidiano: uma investigação de sentidos por meio de redes de imagens, oficinas e histórias

Nayara Elisa Costa da Conceição¹
Secretaria de Estado de Educação de Goiás (SEDUC/GO)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2008-0509>

Shaula Maíra Vicentini de Sampaio²
Universidade Federal Fluminense (UFF)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8898-3659>

Resumo: Este artigo tem como objeto de estudo as imagens de sustentabilidade que nos acessam no cotidiano, buscando investigar o que essas imagens disparam e narram sobre sustentabilidade e os sentidos que isso produz nos sujeitos; uma pesquisa com perspectivas pós-estruturalistas entrelaçada pelos estudos culturais e a educação ambiental. Realizamos oficinas com alunos de graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF) com o intuito, a partir de algumas atividades propostas, obter imagens (e histórias) de sustentabilidade do cotidiano de cada aluno participante. Neste movimento, a análise desse trabalho nos possibilitou criar entre imagens e narrativas, uma sustentabilidade envolta pelas práticas culturais que se dá de uma forma mais próxima de nós, com mais afeto, mais porosa, permeável e cotidiana.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Imagens; Educação ambiental.

Sostenibilidad en la vida cotidiana: una investigación de significados a través de redes de imágenes, talleres e historias

Resumen: Este artículo tiene como objeto de estudio las imágenes de sostenibilidad que nos acceden en la vida cotidiana, buscando indagar qué desencadenan y narran estas imágenes acerca de la sostenibilidad y los significados que esta produce en los sujetos; una investigación con perspectivas postestructuralistas entrelazada por los estudios culturales y la educación ambiental. Realizamos talleres con estudiantes de pregrado de la Universidad Federal Fluminense (UFF) con el fin de, a partir de algunas actividades propuestas,

¹ Bacharel e Licenciada em Ciência Biológicas pela Universidade Federal Fluminense, Mestre em Educação pela mesma universidade, professora de Biologia da Secretaria Estado de Educação de Goiás. E-mail: nayaraelisaconceicao@gmail.com

² Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Departamento de Biologia Geral e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: shaula.maira@gmail.com

obtener imágenes (e historias) de sostenibilidad en el día a día de cada estudiante participante. En este movimiento, el análisis de esta obra nos permitió crear, entre imágenes y narrativas, una sostenibilidad envuelta por prácticas culturales más cercanas a nosotros, con más afecto, más permeables y cotidianas.

Palabras-clave: Sostenibilidad; Imágenes; Educación ambiental.

Sustainability in Everyday Life: Investigating meanings through image networks, workshops, and stories.

Abstract: This paper has as an object of study the images of sustainability that access us in everyday life. Undergrounded by post-structuralist, cultural studies, and environmental education perspectives, this research investigates what these images narrate about sustainability and the meanings they produce in subjects. Through workshops with undergraduate students at Universidade Federal Fluminense, we obtained images (and stories) of sustainability from their everyday lives. In this process, the analysis of this work has created the possibility to create, through images and narratives, a sustainability that is surrounded by cultural practices that are closer to us, with more affection, that are more permeable, and also part of our everyday life.

Keywords: Sustainability, Images, Environmental education.

Introdução

Esse texto deriva de uma pesquisa de mestrado que teve como objeto de interesse as imagens de sustentabilidade que nos acessam no cotidiano, buscando investigar o que essas imagens disparam e narram sobre sustentabilidade e os sentidos produzidos nos sujeitos. A partir disso, refletimos sobre os modos como os discursos sobre sustentabilidade nos interpelam em nosso dia-a-dia, atrelando-se a diferentes práticas culturais em uma constante produção de sentidos.

Há ativos processos de interpretação e rearticulação das imagens de meio ambiente e sustentabilidade pelos sujeitos que, com suas histórias as olham, algumas vezes bem atentos e outras nem tanto. E o acesso a essas imagens não se dá somente por jornais e revistas; elas podem chegar via redes sociais, publicidades de diferentes formas e empresas, diversos tipos de mídia e sendo possível acessá-las no trabalho, em casa, na rua e outros tantos locais pelos quais circulamos no nosso cotidiano. Por isso, partimos das indagações: como é que a sustentabilidade vem nos acessando hoje em forma de imagens? O que essas imagens disparam? O que essas imagens produzem? Quais são as rupturas e possíveis continuidades em relação à produção de formas de narrar a sustentabilidade? Quais os marcadores de sentidos que vão sendo produzidos no que diz respeito às imagens de sustentabilidade que nos acessam? O que essas imagens pedem de nós?

Optamos por colocar em evidência as imagens de sustentabilidade no cotidiano por acreditarmos que vivemos em uma era que a cultura visual ocupa um lugar importante nesses tempos (COSTA, 2012) e que a sustentabilidade foi sendo apropriada e remanejada a partir da sua conexão com outras práticas políticas e econômicas, e assim, passa a produzir novos discursos (GUIMARÃES; SAMPAIO, 2012). Outra razão é que, hoje, a imagem exige seu próprio modo de análise levando em conta os aspectos culturais e históricos que se entrelaçam na e pela imagem; os estados de sensação ao ver e se ver por uma imagem acabam levantando outros problemas de pesquisa, outros modos de investigação (FLORES; GUIMARÃES, 2015). Isso envolve um processo contínuo de discussão acerca da imagem e do visual que produz subjetividades, afetos e saberes. Como assinalam Flores e Guimarães (2015, p.3), os pesquisadores da área da educação também lidam com a dimensão imagética, “trabalhando com imagens para sublinhar experiências que constituem sentidos, sensações e saberes em variadas práticas pedagógicas”. A partir disso, importa destacar que não compreendemos as imagens como algo que fixa significados. Não nos propusemos, portanto, a interpretar as imagens que foram obtidas ao longo da pesquisa, mas a escrever com elas, experimentar com as imagens.

Ecologias, pedagogias, culturas: um estudo que marca o começo de um grupo de pesquisa

Tendo em vista o propósito do dossiê temático, faz-se necessário situar este estudo na produção do grupo de pesquisa Entre-mundos: ecologias, pedagogias, culturas da Universidade Federal Fluminense. Como o nome do grupo sugere, as pesquisas que desenvolvemos transitam entre diferentes campos do conhecimento, produzindo atravessamentos e movimentações entre Educação, Estudos Culturais e Educação Ambiental. É interessante pensar o quanto a pesquisa em questão (que foi a primeira dissertação produzida no âmbito do grupo) já traz as marcas destes deslocamentos disciplinares e a busca pela experimentação nas formas de produzir modos de nos relacionarmos com os discursos ambientais.

Sendo assim, os Estudos Culturais em Educação trazem aportes importantes para pensarmos em nossas relações com as imagens que povoam as mídias e chegam até nós numa profusão nunca antes experimentada, produzindo formas de ser e estar no mundo. Os

Estudos Culturais apropriam-se de saberes que emergem de leituras do mundo, de ferramentas conceituais, o que implica assumir uma perspectiva ampliada da cultura, direcionando seu olhar para as práticas culturais, atividades e significados partilhados pelas pessoas comuns (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003). Estas mesmas práticas culturais: falas, textos, desenhos, filmes, propagandas etc., as quais fazem parte do cotidiano de inúmeras crianças, adolescentes, jovens e também dos adultos, se tornam ‘pedagogias’ (pedagogias culturais, pedagogias do corpo...) e nos subjetivam no presente (CAMOZZATO, 2014).

Os entrelaçamentos entre estudos culturais e educação ambiental vêm permitindo novos e inusitados traçados nas investigações que levam em conta as “práticas culturais que nos atravessam e nos enredam no tempo presente” (GUIMARÃES; WORTMANN, 2014, p.11). A cultura nos atravessa, perpassa a docência, percorrendo cada momento da nossa atuação como educadores ambientais, às vezes ela nos fere, em outras, toca delicadamente nossos olhos, corpos, vozes, sensibilidades, sendo sempre um processo flexível, permeável, mutante (GUIMARÃES; SAMPAIO, 2014). Assim,

Levar a sério a cultura é também compreender que nós, as crianças, os jovens, os adultos – que recebem o convite lançado por nossas práticas pedagógicas, todos estão encharcados das aprendizagens tecidas com as mídias, com as conversas cotidianas, com os pedaços da cidade em que vivemos ou passamos (GUIMARÃES; SAMPAIO, 2014, p.8).

Então, esse trabalho se une a tantos outros que vêm sendo desenvolvidos no grupo de pesquisa Entre-mundos no sentido de explorar essa articulação entre Educação Ambiental e Estudos Culturais, destacando as possibilidades e as limitações desse encontro, as fronteiras de conhecimentos postas em movimento nas pesquisas desafiadas por um referencial pós-moderno. Uma articulação encharcada por mídias, imagens, memórias, cinema, fotografia, cotidiano, cultura. Este trabalho se inspira em muitas pesquisas que produzem uma educação ambiental onde os afetos, as histórias, os sentidos, os olhares e as experiências têm espaço para falar de si e do mundo. A forma como tentamos escrever, nos relacionar com textos e imagens sobre sustentabilidade se insere (e se inspira) em uma rede de outras pesquisas que vêm sendo realizadas nas últimas décadas, que põem em articulação a cultura, o meio ambiente, a arte, o cotidiano, o imaginário, a mídia...

Entre os fios do dispositivo da sustentabilidade

Nas duas últimas décadas, temos sido interpelados por uma miríade de enunciados sobre sustentabilidade, práticas sustentáveis, vida sustentável, hábitos sustentáveis, roupas sustentáveis, sociedades sustentáveis e por aí vai. Se digitarmos em um *site* de busca a palavra sustentabilidade, encontraremos milhares de páginas. Uma variedade tão grande de *sites* que acaba nos mostrando como esse conceito se disseminou e foi incorporado por diferentes áreas. O termo sustentabilidade ou o adjetivo “sustentável” aparecem associados a indústrias, gestão empresarial, bancos, construtoras, *blogs*, produtos de beleza, alimentação, supermercados, políticas públicas, turismo ecológico, responsabilidade social, lembranças de festas, ações de preservação da natureza, até anúncio de cursos de pós-graduação, entre outros. Uma empresa ou indústria que associa seu nome ao adjetivo “sustentável” mostrando ações positivas para com o meio ambiente, ganha notoriedade (e clientela), pois essa é uma qualidade importante de se ter no tempo presente.

A partir dessa onipresença da sustentabilidade no nosso cotidiano, Guimarães e Sampaio (2014) destacam que as vidas contemporâneas estão enredadas ao dispositivo da sustentabilidade³, produzindo modos de ser e estar no mundo: sujeitos conscientes para uma sociedade sustentável. Somos convocados, a todo o momento, a sermos responsáveis por nossas escolhas e pelos nossos atos de consumo. “E, assim, o *dispositivo da sustentabilidade* nos transpassa, nos constitui, modula nossas ações e molda nossa subjetividade” (GUIMARÃES; SAMPAIO, 2014, p. 4). É importante destacar o quanto o adjetivo sustentável vem sendo intensamente utilizado para vender coisas. Vemos nas prateleiras dos supermercados (ou nas páginas do *instagram*) centenas de produtos sustentáveis: de sapato a lápis de cor, de hidratante a automóvel, produtos para adultos, para crianças, para animais de estimação...

³ A noção de dispositivo aqui utilizada advém do conceito criado por Michel Foucault e que pode ser definido como um conjunto heterogêneo de discursos, instituições, leis, enunciados morais, científicos etc., que cumpre um papel estratégico de responder a certas urgências em determinados tempos históricos produzindo verdades.

Portanto, imagens de sustentabilidade são encontradas tanto dentro da escola, como fora dela. Não as encontramos em esferas específicas, mas sim distribuídas em múltiplos recantos do nosso cotidiano. Ver a sustentabilidade como um dispositivo requer perceber que os sujeitos precisam ser “esverdeados”. Um tipo de sujeito que tem que mudar seus hábitos para hábitos mais conscientes, mais ecológicos, mais “verdes” e que isso é estar ligado ao que o seu tempo presente e futuro demandam. Esta gama de agenciamentos chega a todos, desde crianças, adolescentes, mulheres, homens, ricos, pobres, negros, brancos ... e se processa em múltiplas instâncias, ultrapassando os limites de instituições escolares até mesmo das práticas de educação ambiental (GUIMARÃES; SAMPAIO, 2012).

Consideramos ser extremamente necessário problematizar essas imagens de sustentabilidade que parecem apresentar soluções mágicas para a crise ambiental seja na forma de estratégias individuais (por meio da exortação ao consumo consciente) seja ao dar uma visibilidade acentuada a ações empresariais ligadas ao meio ambiente. Às vezes, essas empresas são conhecidas por seus grandes impactos ambientais, mas vemos suas estratégias publicitárias empenhadas em mostrá-las como instituições bastante envolvidas com a construção de uma sociedade sustentável. Como destacam Henning, Vieira e Henning (2018) é preciso analisar a complexidade de relações entre consumo e sustentabilidade sem perder de vista as mutações do capitalismo flexível. As formas de resistência, como dizem as autoras, voltam-se para a reapropriação do mundo em tentativas de desvencilharmos desta aliança entre comunicação, dinheiro e meio ambiente. Não são as forças de mercado que irão “resolver” os inúmeros e profundos problemas socioambientais. Henning, Vieira e Henning (2018) propõem que:

Talvez seja momento de travar alianças potentes que nos provoquem a pensar em micropolíticas possíveis para continuarmos a viver neste planeta. Uma escuta da vida, uma escuta do mundo que possibilite espaços de resistência e criação diante da crise ambiental que se instala. Talvez seja necessário pensar em pequenas ações diárias que nos provoquem a compor um pensamento minoritário para a EA (HENNING; VIEIRA; HENNING, 2018, p.219).

Na pesquisa em questão, essa foi uma preocupação constante: pensar nas múltiplas potencialidades que essas imagens de sustentabilidade poderiam entreabrir. O desejo foi explorar junto com outros sujeitos essa sustentabilidade que insiste em nos atravessar no

cotidiano, seja por uma novela, pelas redes sociais, pela horta vertical que se fez em casa, pelas sacolas retornáveis de supermercados. Para isso, realizamos oficinas com estudantes de licenciatura, sobre as quais falaremos na próxima seção, mas consideramos necessário já destacar que colocamos a sustentabilidade como questão a ser pensada, problematizada, questionada, reinventada. Obviamente, não tivemos o objetivo de formar “sujeitos sustentáveis”.

Oficinas: deslocamentos e encontros

É importante reforçar que, neste processo investigativo, uma das primeiras intenções foi a necessidade de desnaturalizar olhares para um conjunto de práticas, discursos e imagens que envolvem o tema da sustentabilidade. Observamos que essas imagens se pulverizaram nos últimos tempos e queríamos pensar como essas imagens chegam e são interpretadas pelos sujeitos em seus cotidianos. Em um primeiro momento, decidimos realizar oficinas com o propósito de que as imagens de sustentabilidade não fossem selecionadas exclusivamente pela pesquisadora. Buscávamos que as imagens viessem desse encontro nosso com os sujeitos, futuros professores, a fim de que pudéssemos ter, além de imagens, trocas de experiências, de conhecimentos, de percepções. A construção desse percurso não foi apenas um meio de atingir um fim (coletar *dados*), pois criar e realizar as oficinas acabou sendo também um “fim” da pesquisa, deixando marcas nas pesquisadoras e nos participantes⁴. Como destaca Preve (2013, p.51), “a oficina, para nós, é a mochila do viajante que com o tempo se encaixa como parte integrante do corpo; nos preocupamos em

⁴ No total, foram realizadas três oficinas com estudantes de licenciatura da Universidade Federal Fluminense (UFF). Duas com as turmas da disciplina de Instrumentação em Educação Ambiental do curso de graduação em Ciências Biológicas (em fevereiro de 2016 e em novembro/dezembro de 2016, respectivamente) e a outra oficina aconteceu com alunos da disciplina Didática – que englobava estudantes dos cursos de Pedagogia, Filosofia e Psicologia (em novembro/dezembro de 2016). As duas oficinas finais, uma com a turma de Didática e outra de Instrumentação em Educação Ambiental aconteceram no segundo semestre de 2016 no contexto de ocupação das escolas e universidades pelo Brasil. A UFF também estava ocupada pelos estudantes que tentavam uma manobra para que a PEC 241/55 (PEC do teto de gastos públicos) não passasse no Congresso Nacional. Com isso, as oficinas precisaram de ajustes no tempo, no espaço físico e no planejamento prático. Fizemos as oficinas ao ar livre, com um tempo mais reduzido por dia e utilizando redes sociais para agilizar a comunicação entre os encontros.

torná-la mais leve de modo que não impeça os deslocamentos pelo mundo para os encontros”.

Organizamos as oficinas em dois encontros. No primeiro dia, apresentamos o projeto, conversamos sobre cultura visual, sustentabilidade e pedagogias culturais. Os participantes foram convidados a pensar sobre a pergunta central da pesquisa: “Como é que a sustentabilidade vem nos acessando hoje em forma de imagens?” Os participantes foram respondendo e fomos discutindo as respostas que apareciam. Nesse mesmo dia, a turma se dividiu em grupos e confeccionaram artefatos culturais cujo tema sustentabilidade fosse o cerne da ideia. No final desse primeiro dia, pedimos aos graduandos que cada um trouxesse no próximo encontro uma fotografia tirada por eles de uma imagem de sustentabilidade do seu próprio cotidiano. No segundo dia de oficina recebemos as imagens de sustentabilidade fotografadas por cada participante e fizemos uma grande roda de conversa e debate sobre essas imagens. Elas se relacionam ao consumo? Ou não? Em quais lugares eles encontraram imagens de sustentabilidade? Como eram essas imagens? Qual a história dessa imagem? Por que você a escolheu para trazer para a oficina? Foram com essas conversas, debates e histórias que o segundo dia da oficina foi encerrado. E assim, fomos constituindo a nossa forma de fazer a pesquisa, com as oficinas e os sujeitos.

Sustentabilidade em imagens e narrativas: transparências e opacidades

Nessa seção iremos apresentar algumas imagens que circularam pelas oficinas que realizamos com os estudantes de licenciatura da UFF, tentando pensar com e a partir delas sobre as diversas questões que emergiram nos encontros com as imagens e com as pessoas que participavam da atividade pedagógica. Como já destacamos, não foi nosso propósito (nem na pesquisa nem na escrita deste texto) analisar as imagens com o intuito de interpretar ou buscar problematizar suas representações. Mas no contato com as imagens se produziram narrativas, tanto no momento da oficina quanto depois, na escrita do diário de campo e da dissertação. Algumas dessas narrativas trazem, certamente, vestígios de análises, reflexões desencadeadas pelas imagens, estranhamentos e reconhecimentos. Apresentamos a seguir um bloco com diversas imagens (figura 1) que agrupamos por considerarmos que mobilizam alguns aspectos convergentes.

Figura 1 – bloco de imagens fotografadas e levadas por alguns alunos participantes das oficinas.



Fonte: internet/ fotografias pessoais de participantes das oficinas

As imagens trazidas pelos estudantes nos remetem mais uma vez às reflexões sobre como encontramos essas imagens de sustentabilidade nos mais diversos “sítios”, desde um grafite na rua até em exposições de artes, passando por novelas, desenhos animados e redes sociais. Talvez sejam imagens já carregadas demais de sentidos. Sabemos dos riscos de trabalhar com as imagens ditas clichês, mas queríamos também observar se é possível ver, nas mesmas repetições imagéticas acerca da sustentabilidade, a experiência acontecendo, novos sentidos emergindo.

O nosso envolvimento nesse trabalho buscou extrair a imagem de uma posição confortável e estável: “Fazer ver o que a imagem carregada de clichê nos impede” (PREVE, 2013, p.53). Preve ainda ressalta que podemos entender que tais imagens ativam nossos sentidos pelo excesso de sua utilidade. E é usando desse exagero, principalmente nos dias atuais, onde vivemos em uma sociedade cada vez mais visual (COSTA, 2012), que vamos mergulhar neste terreno movediço que é o terreno das imagens de sustentabilidade. Será possível extrair dos clichês outros sentidos além dos já tão conhecidos?

Nesse bloco de imagens acima, os alunos trouxeram fotografias e *prints* que nos parecem muito familiares, muito reconhecíveis e que parecem se reproduzir em larga escala,

modificando-se em alguns aspectos, mas mantendo alguma coisa em comum quando lidamos com enunciados sobre sustentabilidade. As cores? As plantas? Os slogans? É isso que estamos tomando como clichês a princípio: essa sensação de que já vimos aquela imagem muitas e muitas vezes ao longo da vida. Deleuze (2007) afirma que clichê é uma imagem sensório-motora da coisa. Estamos, a todo tempo, imersos em clichês, suportando-os, aprovando-os, reconhecendo-os, comportamo-nos como se deve, levando em conta nossos gostos, nossas capacidades e nossa situação. A imagem sensório-motora é a qual fazemos uso para reagir à uma determinada ação, seja ela rir, chorar, negar etc. O filósofo afirma também que uma imagem está sempre caindo na condição de clichê, mas, por outro lado e ao mesmo tempo, a imagem está sempre tentando sair do clichê, atravessar o clichê. Sendo assim,

[...] às vezes, é preciso restaurar as partes perdidas, encontrar tudo o que não se vê na imagem, tudo o que foi subtraído dela para torná-la “interessante”. Mas, às vezes, ao contrário, é preciso fazer buracos, introduzir vazios e espaços em brancos, rarefazer a imagem, suprimir dela muitas coisas que foram acrescentadas para nos fazer crer que víamos tudo. É preciso dividir ou esvaziar para encontrar o inteiro (DELEUZE, 2007, p. 32).

Talvez a sustentabilidade sofra de uma transparência excessiva e por isso não a enxergamos. Ela parece jorrar uma luz muito ofuscante, que clareia tudo em demasia e com isso faz brilhar sentidos facilmente consumíveis e recorrentes. As imagens de sustentabilidade estão “transparentes”, estão visíveis demais por toda parte. E quem é que enxerga o transparente? Ou o quão difícil é ver quando tudo está muito claro? Mas a sustentabilidade permanece nos acessando, nos iluminando, nos ofuscando. E com isso, deixamos de ver outras tantas coisas quando escolhemos a lente da sustentabilidade para observar e narrar histórias.

Han (2014), em seu livro “A sociedade da transparência”, nos fala que as coisas tornam-se transparentes quando abandonam a negatividade e são inseridas sem resistência na corrente lisa do capital, da informação e da comunicação. O autor completa dizendo que o dinheiro torna tudo comparável e suprime qualquer traço de singularidade e particularidade das coisas, incluindo as imagens. A sociedade da transparência, nas palavras

do autor, é um “inferno do igual” (HAN, 2014, p. 12). O sistema social submete tudo, todos os processos em uma força de transparência para torná-los operacionais e acelerá-los. E assim, “a transparência estabiliza e acelera o sistema através da eliminação do outro ou do estranho. Esta coação sistêmica torna a sociedade da transparência uma sociedade uniformizada” (HAN, 2014, p. 12).

Aproximando essas proposições do nosso trabalho, percebemos o quanto a sustentabilidade está inserida nessa lógica da transparência, o quanto as imagens de sustentabilidade estão colocadas no raciocínio mercantil, de preço, de informação e comunicação. Quando falamos sobre a emergência da sustentabilidade, abordamos o quanto o mercado englobou o discurso sustentável e hoje lucra incessantemente com o “slogan verde”. Então, argumentamos que as imagens de sustentabilidade com a quais nos deparamos presente são imagens transparentes, imagens mercantis, imagens iguais, em que toda sua negatividade e resistência foram apagadas. Com isso, as imagens tornam-se transparentes, sem cores e esvaziadas de sentidos, profundidade, desembaraçadas de toda a dramaturgia (HAN, 2014). Elas já não conversam conosco e não nos dizem nada.

A sustentabilidade foi acelerada com o capital, exposta à luz e explorada. No dispositivo da sustentabilidade estamos atravessados pelas prerrogativas de um mercado que se renova e lucra cada dia mais com o slogan “sustentável”, com a imagem “verde”. E essa junção da sustentabilidade com o mercado fecha todo um circuito sem deixar nenhuma *lacuna*, nenhum *vazio*. E são exatamente as lacunas e os vazios que nos fazem pensar, criar ruídos, gerar negatividade, borrando a transparência. Mas, na sociedade em que vivemos, de acordo com Han (2014), é necessário evitar qualquer negatividade. Onde há pausas, interrupções e pensamentos há uma desaceleração da informação e comunicação. E é isso que a sociedade da transparência não admite. Essa transparência forçada é o que estabiliza o sistema dado (HAN, 2014).

A sociedade da transparência é também a sociedade da exposição. Tudo nela é transformado em mercadoria: é preciso ser exposto para ser. Han diz que a coisa em si perde seu valor cultural em benefício do seu valor de exposição. As coisas só assumem um valor quando são vistas. É uma coação da exposição que entrega tudo à visibilidade. Há a perda das peculiaridades das coisas não pela obscuridade, mas sim pelo esse excesso de

iluminação. Elas perdem a cor e as múltiplas possibilidades pelo exagero de luz (HAN, 2014). E isso nos remete às imagens de sustentabilidade cada vez mais evidenciadas hoje em dia. A sustentabilidade perdeu o seu valor “cultural” quando foi extremamente incorporada e exposta pelo mercado e o consumo. A sustentabilidade é entregue nua, descoberta e despida, com uma luz ofuscante que nos impede de enxergar mais sentidos, mais negatividades, mais vazios (HAN, 2014). O mesmo autor ainda evidencia que as imagens preenchidas pelo valor de exposição não mostram qualquer complexidade, elas são claras e evidentes, faltam-lhes por completo a *lacuna*, que desencadearia reflexão, revisão, meditação. Mas a complexidade torna a comunicação mais lenta e a nossa sociedade da transparência, da exposição é acelerada, é a sociedade da hipercomunicação. Não há tempo! Assim, a transparência se associa a um vazio de sentidos. Talvez seja por seu valor de exposição que as imagens de sustentabilidade são tão recorrentes, claras e repetitivas. Talvez seja por isso, por vermos tanto a mesma coisa sem nenhuma complexidade, sem nada que nos faça pensar, que é tão difícil fugir das imagens clichês e ver outros sentidos que escapem.

Imagens que trabalham com ideias claras demais não abrem espaço para a fantasia, para a imaginação, para a ambivalência. E as imagens de sustentabilidade que mais vemos, inclusive em imagens fotografadas pelos próprios participantes das oficinas nos mostram ideias claras, sem opacidade, não deixando chance para o “encantamento” ou mesmo para o não visto, o misterioso. Isso faz com que não queiramos nos demorar diante delas.

Para diminuir essa transparência, seria preciso deslocar as coisas somente um pouco do seu modo estático, mas esse pouco, de acordo com o Han (2014), é tão difícil de operar e a sua medida tão difícil de descobrir que se torna quase impossível. Han (2014, p.31) argumenta que essa pequena mudança tem lugar não nas próprias coisas, mas nas suas “margens”. Citando Agamben, ele diz que é como uma *auréola* que surge através de um estremecimento, uma irisação, nas margens das coisas, conferindo a elas um esplendor misterioso. Assim, “este tremular faz com que se produza uma falta de claridade, e com que a coisa se cubra de um brilho misterioso a partir das margens” (HAN, 2014, p. 31). Parece, então, que trabalhar nas margens cria uma falta de claridade e com isso um mistério que pode se desdobrar em fantasia e imaginação.

Uma das imagens trazidas para as oficinas em particular nos trouxe uma percepção desse estremeamento, dessa irisação nas margens. Uma imagem (figura 2) que baila entre a transparência e a opacidade, que desloca um pouco o olhar e o pensamento, abrindo lacunas nos sentidos já tão mastigados e demarcados das demais imagens que circularam naqueles momentos. Em meio à profusão de imagens de objetos reutilizados que foram trazidas⁵ – de porta-celular feito com um pote de shampoo a organizador de calcinhas feito com caixas de leite, a imagem abaixo nos provocou um leve tremor.

Figura 2 - fotografia de um participante da oficina.



Fonte: fotografia de Jean Lucca, 2016

Apresentamos, a seguir, um trecho do relato do participante Jean Lucca sobre sua fotografia entregue na oficina:

Eu sou o Jean Lucca. Fui eu quem tirou essa foto aqui na casa dos meus avós. Vamos lá!

Jean: Antes, alguém tem alguma teoria, alguma hipótese do que possa ter sido feito aqui?

Outro aluno: Uma caixa de leite... hum.. e aí tinha um buraco e vocês enfiaram dentro?

Jean: Eu não enfiei nada. Só tirei a foto. (Risos) Eu fui atrás da história. Eu sempre me surpreendi muito vendo aquela caixa enquanto eu estava na cozinha na casa dos meus avós e uma caixa de leite no teto né. Uma coisa super natural, né? (risos). Assim que você falou do seu projeto sobre sustentabilidade, a primeira coisa que me veio na cabeça foi a questão das gambiarras. Eu gosto muito de fotografia; não

⁵ Devido aos limites do tamanho do texto, não foi possível apresentar muitas das imagens que circularam nas oficinas.

sou nenhum “expert” nem nada disso, mas eu gosto muito, me interessa muito. E tem até uma série de fotografias que eu esqueci de passar que é só gambiarras. Tem uma foto que eu adoro que é um sutiã arrebitado e a mulher colocou um clipe para segurar uma alça a outra. É uma fotografia linda assim, sabe... muito bonita. Não é minha não. É de um fotógrafo mesmo. E aí, a primeira coisa que veio em mente: “Vou usar alguma foto que lembre um pouco essa exposição, essas gambiarras”. Aí eu pensei nessa foto aqui. Aí fui procurar saber o que significa (risos). Parece até um ato simbólico, né? Uma caixa de leite no teto (risos). Ah, as vezes representa alguma coisa para gente.

É que a casa dos meus avós é assim. Eles vieram do Nordeste, moraram em muitas casas até chegar nessa casa aqui. Isso já há algum tempo. Eles conseguiram essa casa assim, antes eles estavam no aluguel né, só que a dona da casa morreu e não tinha herdeiro, não tinha com quem ficar com a casa, aí eles ficaram. A casa é velha e não tinha reformado e é assim até hoje. E aí, eles não tinham iluminação em todos os cômodos da casa, principalmente na sala que fica próxima desse cômodo da cozinha. E aí, teve um rapaz de um estaleiro, que fica próximo da casa dos meus avós, que falou que poderia colocar de graça a iluminação, só que ele teria que emassar o teto porque estava com goteira na cozinha, porque senão teria curto né. E aí, acabou a massa, a massa não foi suficiente e aí o que aconteceu? Faltou esse espaço ... e o que temos para ocupar esse espaço? Tinha uma caixa de leite. É a caixa de leite mais útil de todos os tempos! Eu acho, né? (Risos).

Quando mergulhamos nas imagens, trazemos outras possibilidades em um território aberto aos nossos desmanches de ‘verdades’, experimentando com isso outras imagens/sustentabilidades/ecologias. Firmino (2015) afirma que é preciso ter um olhar diferenciado para as imagens; pensar sobre o esgotamento do clichê quando falamos, ouvimos e vemos imagens de sustentabilidade, mas pensar também na sua produtividade. Precisamos sempre ter um olhar calmo, esvaziado e prolongado, o qual possibilite a passagem de sensações. É preciso criar rachaduras nas imagens que vêm sendo produzidas sobre sustentabilidade e que nos fazem repetir demasiadamente os discursos reprodutores de clichês (FIRMINO, 2015). A fotografia da caixa de leite no teto acompanhada da história de uma família nos possibilita imaginar a casa dos avós deste estudante, imaginar as pessoas que a habitam, imaginar a continuação dessa história e outras gambiarras possíveis nessa casa. Nos impulsiona para uma experiência *no* e *com* o ambiente (PREVE, 2013).

Na história do aluno sobre a fotografia, ele diz como gosta e se interessa pelas gambiarras. Guimarães (2019) que também fala sobre as gambiarras, nos aponta que escrever sobre uma imagem através de um exercício de gambiarra, de uma forma despropositada pode criar uma estratégia brincante que nos instiga outros olhares. Através da gambiarra, temos imagens e escritas ensaísticas, ainda impensadas. E a partir dessa

desconexão/ reconexão temos instabilidade, incerteza, desconhecimento (GUIMARÃES, 2019). E é escapando das afirmativas e das certezas que produzimos o que surpreende, o que movimenta o clichê, o que escapa de um modelo, e aqui, o que escapa de um modelo, de um padrão dado de sustentabilidade.

Uma imagem e sua opacidade: ela é não explícita; a história contada pelo estudante se desenrola como um fio que não conhecemos ainda. Ela convida a nos demorarmos nela. Han (2014) explicita como é necessário que haja certa imprecisão e falta de clareza nas coisas para a imaginação aflorar. A imagem da caixa de leite nos traz a *lacuna* que o autor diz que não encontra nas imagens preenchidas pelo valor de exposição. As *lacunas* desencadeiam a reflexão, revisão, meditação.

A ideia de gambiarra traz para esse trabalho esse potencial da experimentação, de *lacuna*, uma forma de inventar novas narrativas e outras imagens de sustentabilidade possíveis no cotidiano. Uma imagem que transgride sua utilidade inicial; uma caixa de leite que vira argamassa na casa dos avós. Produz e constrói fugas de uma sustentabilidade cheias de verdades.

O dispositivo da sustentabilidade encarcera as narrativas e as imagens e é preciso agir nesses espaços entre a imagem/fotografia e a palavra, entre clareza e mistério. É preciso ensaiar a escrita e exercitar o pensamento para talvez conseguir pensar na imagem sem a clausura do dispositivo que a captura. Com Guimarães (2015), podemos concluir que,

Talvez, qualquer dispositivo nos force a ver, a selecionar lentes, a escolher imagens, a atuar, sob o efeito de sua persuasão. Mas também, ao mesmo tempo, nos exercita o pensamento através do esforço do escape, da invenção de uma escrita ensaística, da composição de imagens outras, mesmo que, ainda, quase tudo seja costurado através das linhas do próprio dispositivo que desejamos exaurir (GUIMARÃES, 2015, p. 36).

Notas finais

A partir da experiência das oficinas, com as imagens e as histórias de cada estudante, foi possível entender que essas articulações nos permitiram outras potências. Conceitos foram mobilizados nesse trabalho evidenciando a desterritorialização do processo educativo, o qual aconteceu dentro de uma universidade ocupada. Assim, salientamos o

valor coletivo e político que se teve nos compartilhamentos de imagens e histórias sobre sustentabilidade para além daquelas questões que já estamos tão acostumados a ver e ouvir. Percebemos que a sustentabilidade também se dá no cotidiano, no afeto, nas gambiarras. E que é preciso pensar a sustentabilidade para além da solução dos problemas ambientais (o que também é importante), como forma de desestabilizar pensamentos, provocar invenções, desmontagens e fugas.

O que tentamos fazer nessa pesquisa foi trabalhar conceitos como dispositivo da sustentabilidade, imagens e narrativas com o intuito de juntos com os sujeitos das oficinas borrar os territórios do que estamos acostumados a encontrar sobre sustentabilidade. No entanto, lidar com a invenção, a instabilidade, não é nada fácil num processo investigativo. Quando abordamos temas como a sustentabilidade, sempre aparecem falas que nos remetem ao conservacionismo, à resolução dos problemas ambientais que estamos vivendo ou a mudanças completas de comportamento perante o meio ambiente. E isso acontece muitas vezes de formas que consideramos problemáticas por razões que não haveria como aprofundar nesse momento, mas que se relacionam com uma abordagem da conservação da natureza que não está interessada na complexidade e variedade de relações entre humanos e não humanos. Ou em uma sustentabilidade movida pelas forças corporativas. Ou a um enfoque limitado às transformações nos hábitos pessoais de consumo.

É importante pontuar que não realizamos oficinas a fim de dar “receitas” de como ser mais sustentável ou de como adotar boas práticas sustentáveis. Godoy (2008, p.62) “toma a ecologia como um processo e não mais como a solução de um problema”. Para a autora, é importante eliminar a ideia de desenvolvimento a partir de um tema central que progrediria e evoluiria até chegar a sua resolução final. Para Godoy (2008, p. 62): “se a variação é invenção permanente, a ideia, entendida como multiplicidade, é atualizada de diversas maneiras, sem que com isso se esgote o campo problemático”. É pensar a ecologia como um movimento, um processo, um “estar a caminho”.

As oficinas nos mostraram a recorrência das ditas imagens clichês, cheias de clareza e transparência (HAN, 2014), mas também nos mostraram outras ecologias que a vida produz. A ecologia que diz respeito a outros modos de sentir e pensar, de se relacionar, outros modos de existência para além da conservação – que já não é só a da espécie para

reprodução, mas de um pensamento que atribui à vida esta finalidade -, que abalam a casa ao habitá-la como estrangeiro, investindo-a da força de um arquipélago⁶ para fazer coexistirem as diferenças “sem lei e sem rei” (GODOY, 2008). A proposta de Godoy é sempre inventar, arriscar e assim poder experimentar de todas as formas de existência nesse mundo. É não se colocar em lugar confortável e estar sempre em movimento, em descoberta.

Como a sustentabilidade vem nos acessando hoje em forma de imagens? Essa pergunta foi movimentada ao longo de todo caminho percorrido dessa pesquisa. E aqui, o que trazemos são “rastros” deixados por este texto. E mesmo estes apontamentos que apresentamos aqui sobre as imagens de sustentabilidade no cotidiano estão sujeitos a serem rasurados. Portanto, os rastros que deixamos aqui são de um andarilho na Terra. Já que os significados não se fixam, eles, também podem ser refeitos, tomar outros rumos, ser modificados, e mesmo assim, sempre estarão entreabertos. Esperamos, ao fim desse trabalho, que os participantes tenham experimentado outras ecologias que a vida inventa. Algo sem finalidade e territorialidade. Mostrar que há outras possibilidades de se falar com as imagens e com a sustentabilidade. Uma sustentabilidade que traz histórias, invenções, singularidades, afetos e fugas. Uma fuga que combate “a universalidade de conhecimento, a crença nas verdades derradeiras, nas certezas imediatas e na penetrabilidade da natureza” (GODOY, 2008, p. 300). Uma fuga que traz tantas outras formas de pensar e narrar a sustentabilidade, ou melhor, as sustentabilidades.

Referências

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do Presente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 39, n. 2, p. 573 – 593, abr./ jun. 2014.

⁶ Para Godoy (2008), um arquipélago não possui um elemento unificador como o continente. As ilhas não se equivalem e há bordas por todos os lados, meios e entre-meios. É uma multiplicidade de percursos imprevisíveis.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. ANPED. Editores Associados, Campinas – SP, n. 23, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber. Imagens do Consumismo na Escola - a produtividade da cultura visual. **Instrumento**: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 14, n. 2, jul./dez. 2012.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Trad. Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FIRMINO, Larissa Corrêa. Imagem e Clichê: proposições para um ver a mais. In: Guimarães, L.B. *et.al* (Orgs.). **Ecologias Inventivas: experiências das/ nas paisagens**. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2015.

FLORES, Cláudia Regina; GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Pesquisa com imagem em Educação: A Matemática e as Ciências em foco. **Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v.8, n.2, p.3-5, junho 2015.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini. O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 30, n. 2, p. 395-409, maio/ago. 2012.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini. Educação Ambiental nas pedagogias do presente. **Em Aberto**, Brasília, vol. 27, n. 91, p. 123 – 124, jan./ jun. 2014.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Educação Ambiental e Estudos Culturais: Pesquisas desde o sul do Brasil. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 9, n. 1 – pags. 24 – 37, 2014.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A (in) sustentabilidade da imagem. **Revista Experimentart**. Ano 1 – Número 1 – jul./ dez 2015.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Como saber o que importa pesquisar e escrever? **Revista Digital do Lav** - Santa Maria – vol. 12, n. 2, p. 133 – 145 – maio./ ago. 2019.

HAN, BYUNG-CHUL. **A Sociedade da Transparência**. Trad. Miguel Serras Pereira. Relógio D'Água Editores, setembro de 2014.

HENNING, Paula Corrêa; VIEIRA, Virginia Tavares; HENNING, Clarissa Côrrea. Crise ambiental, consumo e artefatos culturais: provocações ao tempo contemporâneo. **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 45, p. 209 – 220, jan./ abr. 2018.

PREVE, Ana Maria Hoepers. Geografias, Imagens e Educação: Experiências. **Entre-Lugar**, Dourado, MS, p.49-66, ano 4, n. 7, 1º semestre de 2013.

Submetido em: 13-09-2021.

Publicado em: 16-12-2021.